

A história das matanças do Partido Comunista Chinês

Este é o sétimo dos Nove Comentários



Esse pôster, exibido em fins de 1966 em Pequim, mostra como lidar com os “inimigos de classe” durante a Revolução Cultural. (Jean Vincent/AFP/Getty Images)

Prefácio

Os 60 anos de história do Partido Comunista Chinês (PCCh) foram escritos com sangue e mentiras. No entanto, os fatos por trás desta história sangrenta são extremamente trágicos e quase desconhecidos. Sob o regime do PCCh, de 60 a 80 milhões de chineses inocentes foram mortos, deixando para trás famílias desmanteladas. Muita gente se pergunta por que o PCCh mata. Enquanto o PCCh continua a sua perseguição brutal aos praticantes do Falun Gong e reprime manifestantes com tiros até recentemente, as pessoas se questionam se chegará o dia em que o PCCh aprenderá a falar com palavras ao invés de com armas.

Mao Tsé-Tung resumiu o objetivo da Revolução Cultural, “... depois do caos o mundo encontra a paz, mas em 7 ou 8 anos o caos precisa acontecer novamente.” [1] Em outras palavras, deverá haver uma revolução política a cada 7 ou 8 anos e uma porção de gente precisa ser morta a cada 7 ou 8 anos.

Uma ideologia de apoio e exigências práticas estão por trás dos massacres do PCCh.

Ideologicamente, o PCCh acredita na “ditadura do proletariado” e na “revolução contínua comandada pela ditadura do proletariado”. Por isso, depois que o PCCh tomou o poder na China, ele matou os proprietários de terras para resolver os problemas de relações de produção nas áreas rurais. Matou os capitalistas para conseguir a reforma comercial e industrial e solucionar as relações de produção nas cidades. Depois que essas duas classes foram eliminadas, os problemas relacionados à superestrutura [2] também pediram um massacre. As repressões do Grupo Antipartidário Hu Feng [3] e o Movimento Antidireitistas eliminaram os intelectuais. Matando cristãos, taoistas, budistas e grupos folclóricos populares resolveu-se o problema das religiões. O monopólio cultural e político do PCCh foi implantado através dos assassinatos das massas. O massacre da Praça Tiananmen foi usado

para evitar a crise política e abafar reivindicações democráticas. A perseguição ao Falun Gong foi para resolver as questões de crença e cura tradicionais. Essas ações foram todas necessárias para o PCCh fortalecer seu poder e manter seu regime frente à contínua crise financeira (os preços ao consumidor dispararam depois que o PCCh tomou o poder e a economia da China quase quebrou depois da Revolução Cultural), crise política (as pessoas não estão mais seguindo as ordens do Partido e outras querem dividir direitos políticos com o Partido) e crises de crença (a desintegração da antiga União Soviética, alterações políticas na Europa Oriental e a questão do Falun Gong). Exceto a questão do Falun Gong, quase todos os movimentos políticos foram utilizados para reavivar o espectro maligno do PCCh e incitar seu desejo pela revolução. O PCCh também usou esses movimentos políticos para testar os membros do PCCh e eliminar aqueles que não atendiam os requerimentos do Partido.

Para o PCCh, matar também é necessário por razões práticas. O Partido Comunista começou como um grupo de bandidos e patifes que mataram para obter o poder. Uma vez que isso aconteceu, não havia como voltar atrás. O terror constante era necessário para intimidar as pessoas e forçá-las a aceitar, através do medo, o regime absoluto do PCCh.

Aparentemente, pode parecer que o PCCh era “forçado a matar”, e que vários incidentes simplesmente aconteceram para irritar o espectro maligno do PCCh e acidentalmente acionar os mecanismos assassinos do PCCh. Na verdade, esses incidentes serviam para disfarçar a necessidade de matar do Partido, sua exigência periódica de matança. Sem essas lições dolorosas, as pessoas poderiam pensar que o PCCh estava mudando e começar a reivindicar a democracia, exatamente como fizeram aqueles estudantes idealistas no movimento democrático de 1989. Recorrer ao massacre a cada 7 ou 8 anos, serve para lembrar o terror na memória do povo e alertar as novas gerações; quem quer que trabalhe contra o PCCh, seja desafiando a liderança absoluta do PCCh ou tentando revelar a verdadeira história da China, experimentará o “punho de ferro da ditadura do proletariado”.

Matar se tornou uma das formas essenciais do PCCh manter o poder. Sem seu constante sacrifício de sangue, o povo poderia se sentir encorajado a vingar os atos criminosos do PCCh. Por isso, o PCCh não somente precisava conduzir matanças amplas e abundantes, mas precisava fazê-las da forma mais cruel para intimidar o população, principalmente no início, quando estabelecia seu regime.

Uma vez que o objetivo de matar era produzir maior terror, o PCCh selecionou os alvos para destruição arbitrária e irracionalmente. Em cada movimento político, o PCCh usou a estratégia do genocídio. Tomemos a “supressão aos reacionários” com exemplo. O PCCh na verdade não reprimiu os “comportamentos” reacionários, mas sim o “povo”, que ele chamava de reacionário. Se uma pessoa houvesse se alistado e servido poucos dias no exército nacionalista (Kuomintang, KMT), mas não tivesse feito absolutamente nada de político depois que o PCCh ganhou o poder, esta pessoa poderia ser morta por causa da sua “história reacionária”. No processo da reforma agrária, para remover a “raiz do problema”, o PCCh sempre matava a família inteira do proprietário de terra.

Desde 1949, o PCCh perseguiu mais da metade do povo na China. Entre 60 e 80 milhões de pessoas morreram por causas não naturais. Esse número excede o total de mortes nas duas Guerras Mundiais juntas.

Da mesma forma como outros países comunistas, a matança arbitrária feita pelo PCCh também inclui matar brutalmente seus próprios membros para remover dissidentes que mantenham o senso de humanidade acima da natureza do Partido. A regra de terror do PCCh pesa igualmente sobre seus membros e sobre a população na tentativa de manter uma “fortaleza invencível”.

Numa sociedade normal, as pessoas se preocupam e amam umas às outras, levam a vida com respeito, e dão graças a Deus. No Oriente, as pessoas dizem, “Não imponha aos outros o que você não quer para você.” [4] No Ocidente, as pessoas dizem, “Ame ao seu

próximo como a si mesmo.” [5] Ao invés disso, o PCCh diz que, “A história de toda sociedade existente até agora é a história das lutas de classe.” [6] Para manter viva a “luta” dentro da sociedade, é preciso gerar o ódio. Não somente o PCCh tira vidas, mas ele também encoraja as pessoas a matarem umas às outras. Ele se empenha em eliminar a sensibilidade das pessoas em relação ao sofrimento alheio através de matanças constantes. Ele quer que elas se tornem entorpecidas pela frequente exposição à brutalidade desumana e consequentemente desenvolvam a mentalidade de que “o melhor se pode esperar é evitar ser perseguido”. Todas essas lições ensinadas pela repressão brutal permitem ao PCCh manter seu regime.

Juntamente com a destruição de incontáveis vidas, o PCCh também destruiu a alma do povo chinês. Um enorme número de pessoas se tornou condicionado a reagir às ameaças do PCCh abrindo mão de seus princípios e da razão. De certa forma, a alma dessas pessoas morreu, algo mais atemorizante do que a morte física.

I. Massacre terrível

Antes de o PCCh chegar ao poder, Mao Tsé-Tung escreveu, “Definitivamente não aplicamos uma política de benevolência aos reacionários e em relação às atividades reacionárias das classes reacionárias.” [7] Em outras palavras, mesmo antes do PCCh tomar Pequim, sua mente já estava direcionada a agir tiranicamente sob o eufemismo da “Ditadura Democrática Popular”. O que se segue são alguns exemplos.

A supressão aos reacionários e a reforma agrária

Em março de 1950, o PCCh anunciou, “Ordens para reprimir severamente elementos reacionários”, conhecido historicamente como o movimento de “supressão aos reacionários”.

Diferente de todos os imperadores que concederam anistia ao país inteiro depois de serem coroados, o PCCh começou a matar no minuto mesmo que chegou ao poder. Mao Tsé-Tung disse num documento que, “Ainda há muitos lugares onde as pessoas estão intimidadas e não ousam matar abertamente os reacionários em grande escala.” [8] Em fevereiro de 1951, a central do PCCh disse que exceto nas províncias de Zhejiang e sul de Anhui, “outras áreas que não estão matando o suficiente, principalmente nas grandes e médias cidades, devem continuar prendendo e matando em maiores números e não devem parar tão cedo.” Mao até recomendou que, “nas áreas rurais, quanto a matar os reacionários, cerca de 1/1000 do total da população deve ser morta [...] nas cidades, deveria ser menos que 1/1000.” [9] Naquela época, a população da China era de aproximadamente 600 milhões; essa “ordem real” de Mao deve ter causado pelo menos 600 mil mortes. Ninguém sabe de onde saiu essa taxa. Talvez por capricho, Mao achou que essas 600 mil vidas seriam suficientes para estabelecer uma base de medo entre as pessoas e assim ordenou que isso acontecesse.

Se aquelas pessoas mortas mereciam morrer não era um problema do PCCh. “Os regulamentos da República Popular da China para punição dos reacionários”, anunciados em 1951, diziam que até mesmo os que “espalhassem rumores” deviam ser “executados imediatamente”.

Enquanto a supressão aos reacionários era firmemente executada, a reforma agrária também acontecia em grande escala. Na verdade, o PCCh tinha começado a reforma agrária dentro das áreas ocupadas nos anos de 1920. Aparentemente, a reforma agrária aparentava defender um ideal semelhante ao do Reinado Celeste de Taiping, [10] a saber, todos teriam terra para cultivar, mas isso era somente uma desculpa para matar. Tao Zhu, que era o 4º na hierarquia do PCCh, tinha um slogan para a reforma agrária, “Toda vila sangra, toda casa luta”, indicando que em todas as vilas os proprietários de terra deviam morrer.

A reforma agrária poderia ter sido feita sem matança. Poderia ter sido feita da mesma forma que o governo de Taiwan realizou a reforma agrária, comprando a propriedade dos proprietários. Entretanto, o PCCh teve origem num grupo de proletários bandidos e corruptos, que só sabiam roubar. Temendo sofrer vingança depois de roubar, o PCCh naturalmente precisava matar suas vítimas, eliminando a raiz do problema.

A forma mais comum de matar durante a reforma agrária ficou conhecida como “reunião de luta”. O PCCh fabricava os crimes e culpava os proprietários de terras ou os camponeses ricos. Perguntavam ao povo como eles deveriam ser punidos. Alguns membros do PCCh ou ativistas se infiltravam no meio da multidão e gritavam, “Nós deveríamos matá-los!”, e assim os proprietários de terras e os camponeses ricos eram executados. Naquela época, quem quer que possuísse terras nas vilas era classificado como “valentão”. Aqueles que tiravam vantagem dos camponeses eram chamados de “valentões miseráveis”; os que sempre ajudavam consertando instalações públicas ou dando dinheiro para escolas e acidentes naturais eram chamados de “valentões bonzinhos”; e aqueles que não faziam nada eram chamados de “valentões mansos ou quietos”. Uma classificação como essa não tinha sentido porque todos os “valentões” acabavam sendo executados, independente da categoria que pertencessem.

No final de 1952, o número de “elementos reacionários” executados, publicado pelo PCCh, era de cerca de 2,4 milhões. De fato, o total de mortos entre os antigos oficiais distritais do governo KMT e os proprietários de terras foi de pelo menos 5 milhões.

A supressão aos reacionários e a reforma agrária teve três resultados diretos. Primeiro, os antigos oficiais locais que foram selecionados através da autonomia dos clãs locais foram eliminados; desta forma, o PCCh eliminou toda a administração do sistema anterior e realizou um controle total das áreas rurais instalando uma agência do Partido em cada vila. Segundo, uma riqueza enorme foi obtida através do roubo e do saque. Terceiro, os civis foram aterrorizados pela repressão brutal contra os proprietários de terras e fazendeiros ricos.

A “Campanha Três-Anti” e a “Campanha Cinco-Anti”

A supressão aos reacionários e a reforma agrária visavam principalmente o campo, enquanto que a “Campanha Três-Anti” e a “Campanha Cinco-Anti” eram responsáveis pelos genocídios nas cidades.

A “Campanha Três-Anti” começou em dezembro de 1951 e visava a corrupção, o desperdício e a burocracia entre os membros do PCCh. Alguns oficiais corruptos do PCCh foram executados. Logo depois, o PCCh atribuiu a corrupção de seus oficiais do governo à tentação pelos capitalistas. Assim, foi lançada em janeiro de 1952 a “Campanha Cinco-Anti”, contra suborno, evasão de impostos, roubo de propriedade do Estado, construção ilegal, e espionagem de informações econômicas do Estado.

Essencialmente, a “Campanha Cinco-Anti” roubou a propriedade dos capitalistas, ou melhor, matou os capitalistas pelos seus bens. Chen Yi, o prefeito de Shanghai na ocasião, toda noite sentava-se no sofá com uma xícara de chá na mão e questionava serenamente, “Quantos paraquedistas há hoje?”, querendo dizer, “Quantos homens de negócio se suicidaram hoje saltando dos edifícios?” Nenhum capitalista podia escapar da “Campanha Cinco-Anti”. Foi exigido que eles pagassem os impostos “evadidos” no Período Guangxu (1875-1908) na Dinastia Qing (1644-1911) quando o comércio em Shanghai foi inicialmente estabelecido. Os capitalistas não podiam arcar com esses “impostos” mesmo com toda a sua fortuna. Eles não tinham outra escolha a não ser por fim a suas vidas, mas não ousavam pular no Rio Huangpu, porque se seus corpos não fossem encontrados, o PCCh os acusaria de terem fugido para Hong Kong e os membros de suas famílias ainda seriam responsabilizados pelos impostos. Então, os capitalistas pulavam dos altos edifícios, deixando seus corpos para

que o PCCh pudesse ver a prova de suas mortes. Naquela época, dizia-se que as pessoas não ousavam andar próximo aos altos edifícios em Shanghai com medo de serem atingidas por alguém pulando de lá de cima.

De acordo com os *Dados das campanhas políticas depois da fundação da República Popular da China*, coeditado por quatro unidades governamentais, inclusive pelo Centro de Pesquisa Histórica do PCCh em 1996, durante a “Campanha Três-Anti” e a “Campanha Cinco-Anti”, mais de 323.100 pessoas foram presas e cerca de 280 cometeram suicídio ou desapareceram. Na “Campanha Anti-Hu Feng” em 1955, pelo menos cinco mil pessoas foram incriminadas, 500 foram presas, 60 cometeram suicídio e 12 morreram de causas não naturais. Na supressão subsequente dos reacionários, cerca de 21.300 pessoas foram executadas, e mais de 4.300 cometeram suicídio ou desapareceram. [11]

A Grande Fome

A maior taxa de mortalidade foi registrada durante a Grande Fome da China logo depois do Grande Salto para Frente. [12] O artigo “Grande Fome” no livro “Registros históricos da República Popular da China” relata que, “O número de mortes não naturais e a redução de nascimentos de 1959 a 1961 é estimado em cerca de 40 milhões... a despovoação da China por 40 milhões é provavelmente a maior escassez do mundo neste século.” [13]

A Grande Fome foi falsamente rotulada pelo PCCh de “Três Anos de Desastre Natural”. Na verdade, esses três anos tiveram condições climáticas favoráveis sem nenhum grande desastre natural como enchente, estiagem, furacão, maremoto, terremoto, geada, neve, granizo ou praga de gafanhotos. O “desastre” foi totalmente causado pelo homem. A campanha “Grande Salto para Frente” exigiu que todos na China se envolvessem na produção de aço, forçando os fazendeiros a deixarem suas colheitas apodrecerem no campo. Apesar disso, os oficiais de todas as regiões aumentaram suas exigências de rendimento de produção.

He Yiran, o primeiro-secretário do Comitê do Partido da prefeitura de Liuzhou, fabricou por si mesmo a quantia fabulosa de “65 mil kg de arroz por *mu*” [14] no condado de Huanjiang. Isso foi logo depois do Plenário de Lushan, quando o movimento antidireitista do PCCh se espalhou por todo o país. Para demonstrar que o PCCh estava certo todo o tempo, as colheitas foram expropriadas pelo governo como uma forma de imposto baseados nos rendimentos superfaturados. Consequentemente, as rações de grãos, sementes e alimentos básicos dos camponeses foram todas confiscadas. Quando a demanda ainda não podia ser encontrada, os camponeses eram acusados de terem escondido suas colheitas.

He Yiran disse uma vez que eles precisavam lutar para ficar em primeiro lugar na competição pelo rendimento mais alto, não importando quantas pessoas em Liuzhou iriam morrer. Alguns camponeses foram desprovidos de tudo, ficando somente com alguns punhados de arroz escondidos nos vasos sanitários. O Comitê do Partido do distrito de Xunle, em Huanjiang, até emitiu uma ordem proibindo cozinhar, impedindo os camponeses de comerem suas colheitas. Patrulhas eram conduzidas pela milícia à noite. Se eles vissem a luz de um fogo, eles procederiam com uma busca e incursão. Muitos camponeses não ousavam cozinhar nem cascas ou ervas selvagens e morriam de fome.

Historicamente, em tempos de escassez, o governo providenciava mingau de arroz, distribuía a colheita e permitia às vítimas fugirem da fome. No entanto, o PCCh olhava a fuga da fome como uma desgraça ao prestígio do Partido e ordenava aos militares que bloqueassem as estradas para impedir as vítimas de escaparem da fome. Quando os camponeses estavam tão famintos que pegavam cereais dos depósitos de grãos, o PCCh ordenava que atirassem na multidão para reprimir o saque e taxavam os mortos de elementos contrarrevolucionários. Muitos camponeses morreram de fome em várias províncias incluindo Gansu, Shandong, Henan, Anhui, Hubei, Hunan, Sichuan e Guangxi. Ainda assim,

os camponeses famintos eram obrigados a participarem dos trabalhos de irrigação, construção de barragem e fabricação de aço. Muitos caíam no chão enquanto trabalhavam e nunca mais se levantavam. No fim, os que sobreviviam não tinham força para enterrar os mortos. Muitas vilas se acabaram porque famílias morreram de fome uma após a outra.

Na escassez mais séria na história da China antes do PCCh, houve casos em que famílias intercalavam suas crianças para comerem, mas nunca ninguém comeu suas próprias crianças. Entretanto, sob o regime do PCCh, as pessoas eram levadas a comer aqueles que morriam, canibalizavam aqueles que fugiam de outras regiões e até matavam e comiam suas próprias crianças. O escritor Sha Qing descreve esta cena em seu livro *Yi Xi Da Di Wan (Uma terra obscura de Bayou)*: “Numa família de camponeses, um pai ficou somente com seu filho e sua filha durante a Grande Fome. Um dia, a filha foi impelida para fora de casa pelo pai. Quando ela voltou, ela não encontrou seu irmão mais novo, mas viu óleo branco flutuando no caldeirão e uma pilha de ossos perto do forno. Alguns dias mais tarde, o pai acrescentou mais água no pote e chamou sua filha para mais perto. A menina estava amedrontada, e de fora da porta suplicou ao pai, ‘Papai, por favor, não me coma. Eu posso colher lenha e cozinhar para você. Se você me comer, ninguém mais fará isso para você.’”

A extensão e o número de tragédias como essa são desconhecidos. Porém, o PCCh dá a falsa impressão de ser de grande honra, alegando que estava liderando bravamente o povo para lutar contra os “desastres naturais” e continua a vangloriar-se de ser “grande, glorioso e correto”.

Depois do Plenário de Lushan em 1959, o General Peng Dehuai [15] foi despojado do poder por ter defendido o povo. Um grupo de oficiais do governo e membros do Partido que ousaram falar a verdade foram demitidos de seus postos, detidos ou investigados. Depois disso, ninguém ousava falar a verdade. Na época da Grande Fome, ao invés de falarem a verdade, e para proteger suas posições oficiais, as pessoas escondiam os fatos sobre as mortes pela fome. A província de Gansu até recusou ajuda de alimentos da província de Shaanxi, alegando que Gansu tinha excedente de comida.

Esta Grande Fome foi também um teste para julgar os membros do PCCh. De acordo com o critério do PCCh, os oficiais que resistiram falar a verdade diante de dezenas de milhões de mortos de fome eram certamente “qualificados”. Com esse teste, o PCCh podia então acreditar que nenhuma emoção humana ou princípio celeste se tornaria um peso psicológico que impedisse seus oficiais de seguirem a linha do Partido. Depois da Grande Fome, os oficiais responsáveis das províncias simplesmente participaram da formalidade de autocritica. Li Jingquan, o secretário do PCCh pela província de Sichuan, onde milhões de pessoas morreram de fome, foi promovido a primeiro-secretário do Departamento do Distrito Sudoeste do PCCh.

Da Revolução Cultural e do Massacre da Praça Tiananmen ao Falun Gong

A Revolução Cultural foi formalmente iniciada em 16 de maio de 1966 e durou até 1976. Esse período foi chamado, até pelo próprio PCCh, de “dez anos de catástrofe”. Mais tarde, em entrevista com um repórter iugoslavo, Hu Yaobang, o ex-secretário-geral do Partido disse, “Naquela época, cerca de 100 milhões de pessoas foram envolvidas, o que significava um décimo da população chinesa.”

Os *Dados das campanhas políticas depois da fundação da República Popular da China* mostram que, “Em maio de 1984, depois de intensa investigação, verificação e recálculo pelo Comitê Central do PCCh, os números relacionados com a Revolução Cultural eram: pelo menos 4,2 milhões de pessoas foram detidas e investigadas; 1,728 milhões de pessoas morreram de causas não naturais; 135 mil foram consideradas como contrarrevolucionárias e executadas; 237 mil foram mortas; 7,03 milhões ficaram

desabilitadas em lutas armadas e 71.200 famílias foram destruídas.” As estatísticas compiladas dos anais distritais mostram que 7,73 milhões de pessoas morreram de causas não naturais durante a Revolução Cultural.

Além do espancamento de pessoas até a morte, o início da Revolução Cultural também gerou uma onda de suicídios. Muitos intelectuais famosos, incluindo Lao She, Fu Lei, Jian Bozan, Wu Han e Chu Anping, puseram fim nas próprias vidas neste período.

A Revolução Cultural foi o período esquerdista mais frenético na China. Matar se tornou uma forma competitiva de mostrar a posição revolucionária, então o massacre das “classes inimigas” era extremamente cruel e brutal.

A política de “reforma e abertura” avançou bastante à circulação de informações o que possibilitou a muitos repórteres estrangeiros testemunharem o Massacre da Praça Tiananmen em 1989 e mostrarem na televisão os tanques perseguindo e esmagando estudantes universitários até à morte.

Dez anos mais tarde, em 20 de julho de 1999, Jiang Zemin começou a repressão ao Falun Gong. Em fins de 2002, informações de fontes do governo da China continental, confirmaram o encobrimento de mais de 7 mil mortes em centros de detenção, campos de trabalhos forçados, prisões e hospitais psiquiátricos, com uma média de sete pessoas mortas por dia.

Hoje em dia, o PCCh tende a matar bem menos do que no passado quando milhões ou dezenas de milhões foram mortos. Há duas importantes razões para isso. Por um lado, o Partido distorceu as mentes do povo chinês com a cultura do Partido de forma que agora as pessoas são mais cínicas e mais submissas. Por outro lado, por causa da excessiva corrupção e fraude dos oficiais do PCCh, a economia chinesa se tornou uma “economia do tipo transfusão”, e depende substancialmente do capital estrangeiro para sustentar o crescimento e a estabilidade social. As PCCh lembra vivamente das sanções econômicas que se seguiram ao massacre da Praça Tiananmen e sabe que matar abertamente resultaria numa retração do capital estrangeiro e poria em risco seu regime totalitário.

Entretanto, o PCCh nunca deixou de matar por trás dos bastidores, mas hoje o PCCh não poupa esforços para esconder as evidências sangrentas.

II. Formas de matar extremamente cruéis

Tudo que o PCCh faz serve a um único propósito: adquirir e manter o poder. Matar é uma forma muito importante de o PCCh manter seu poder. Quanto mais pessoas mortas e mais cruéis as formas de matar, maior é o impacto do terror. Esse terror começou pouco antes da Guerra Sino-Japonesa.

Massacre ao norte da china durante a Guerra Sino-Japonesa

Ao recomendar o livro *Inimigo Interno* do Padre Raymond J. De Jaegher, [16] o ex-presidente Hoover dos EUA comentou que o livro expunha claramente o terror dos movimentos comunistas. Ele o recomendava a qualquer pessoa que quizesse entender uma força de tamanha perversidade.

Nesse livro, De Jaegher contou histórias sobre como o PCCh usava a violência para aterrorizar as pessoas até a submissão. Por exemplo, um dia o PCCh pediu a todos que fossem para a praça da vila. Professores levaram as crianças da escola para a praça. A finalidade disso era assistir a execução de 13 jovens patriotas. Depois de anunciar as acusações fabricadas contra as vítimas, o PCCh ordenou á professora horrorizada que fizesse as crianças cantarem canções patrióticas. No meio do palco entre as canções não havia dançarinos, mas um carrasco segurando uma faca afiada nas mãos. O carrasco era um feroz e

jovem soldado comunista com braços fortes. O soldado se posicionou atrás da primeira vítima, levantou rapidamente a grande e afiada faca e desferiu o golpe e a primeira cabeça caiu no chão. Conforme a cabeça rolava no chão, o sangue jorrava como uma fonte. O canto histérico das crianças se transformou em gritos e choros caóticos. A professora continuou a marcar o ritmo, tentando não parar as canções; o toque do sino dela podia ser ouvido no meio do caos.

O carrasco cortou 13 vezes e 13 cabeças caíram no chão. Depois disso, alguns soldados comunistas se aproximaram, cortaram os peitos das vítimas e tiraram seus corações para um festim. Toda essa brutalidade foi feita na frente das crianças. As crianças ficaram pálidas de terror, e algumas começaram a vomitar. A professora ralhou com os soldados, enfileirou as crianças e retornou à escola.

Depois disso, o Padre De Jaegher frenquetemente via crianças sendo forçadas a assistirem execuções. As crianças se acostumaram às cenas sangrentas e tornaram-se indiferentes às matanças; algumas até começaram a apreciar o espetáculo.

Quando o PCCh sentia que aquela matança simples não era horrível nem excitante o suficiente, eles inventavam outros tipos cruéis de torturas. Por exemplo, forçavam a pessoa a ingerir uma grande quantidade de sal sem deixá-la beber água, e a vítima sofria até morrer de sede; ou deixavam a pessoa nua forçando-a a rolar sobre vidro quebrado; ou faziam um buraco num rio congelado no inverno e jogavam a vítima dentro do buraco, e a pessoa morria afogada ou congelada.

De Jaegher escreveu que um membro do PCCh na província de Shanxi inventou uma tortura terrível. Um dia, quando andava na cidade, ele parou em frente a um restaurante e fixou os olhos numa grande tina fervendo. Mais tarde, ele comprou várias tinas gigantes, e imediatamente prendeu algumas pessoas que eram contra o Partido Comunista. Durante o precoce julgamento, as tinas foram preenchidas com água e postas para ferver. Depois do julgamento, três vítimas foram deixadas nuas e jogadas nas tinas para ferverem até a morte. Em Pingshan, De Jaegher testemunhou um pai sendo esfolado vivo. Os membros do PCCh forçaram o filho dele a assistir e participar dessa tortura desumana, ver o pai morrer em dor excruciante e ouvir os gritos dele. Os membros do PCCh jogavam vinagre e ácido no corpo do pai e assim toda sua pele foi rapidamente arrancada. Eles começaram pelas costas, depois subiram para os ombros e logo a pele de todo seu corpo foi arrancada, ficando somente com a pele da cabeça intacta. Seu pai morreu em minutos.

O Terror Vermelho durante o “Agosto Vermelho” e o canibalismo de Guangxi

Depois de ganhar controle absoluto de todo o país, o PCCh não parou com sua violência de forma alguma. Durante a Revolução Cultural, essa violência piorou.

Em 16 de agosto de 1966, Mao Tsé-Tung se encontrou com os representantes da Guarda Vermelha na torre da Praça Tiananmen. Song Binbin, filha do líder comunista Song Renqiong, colocou um emblema da Guarda Vermelha em Mao. Quando Mao soube que o nome de Song Binbin significava gentil e educada, ele disse, “Nós precisamos de mais violência.” Então, Song mudou seu nome para Song Yaowu (literalmente “quero violência”).

Violentos ataques armados logo se espalharam por todo o país. A geração mais jovem educada no ateísmo comunista não tinha nem medos nem preocupações. Sob a liderança direta do PCCh e guiados pelas instruções de Mao, os Guardas Vermelhos, fanáticos, ignorantes, e se colocando acima da lei, começaram a espancar as pessoas e a saquear as casas por todo o país. Em muitas regiões, todas as “cinco classes negras” (proprietários de terras, camponeses ricos, reacionários, maus elementos e direitistas) e os membros de suas famílias foram erradicados de acordo com uma política de genocídio. Um exemplo típico foi o condado de Daxing perto de Pequim, onde de 27 de agosto a 1º de setembro de 1966, um

total de 325 pessoas foram mortas em 48 brigadas locais de 13 comunas populares. A pessoa morta mais idosa tinha 80 anos e a mais nova somente 38 dias. Vinte e duas residências foram totalmente aniquiladas, sem nenhum sobrevivente.

O espancamento de pessoas até a morte era uma cena comum. Na Rua Shatan, um grupo de homens da Guarda Vermelha torturou uma senhora de idade com correntes de metal e cintos de couro até que ela não pudesse mais se mexer, então uma mulher da Guarda Vermelha pulou sobre seu corpo e pisoteou seu estômago. A senhora morreu no local. Perto de Chongwenmeng, quando os Guardas Vermelhos encontraram a casa da “esposa de um proprietário de terras” (uma viúva solitária), eles forçaram cada vizinho a trazer um pote de água fervendo para o local e jogar a água fervendo no peito da senhora até que seu corpo estivesse todo cozido. Alguns dias mais tarde, ela foi encontrada morta no quarto, com seu corpo coberto por vermes. Havia muitas formas diferentes de matar, incluindo espancamento com bastões, cortes com foices e estrangulamento com cordas... A maneira de matar os bebês era a mais brutal: o assassino subia numa das pernas do bebê e puxava a outra perna, rasgando o bebê no meio. (*Investigação do Massacre de Daxing*, de Yu Luowen). [17]

O canibalismo de Guangxi foi ainda mais desumano que o Massacre de Daxing. O escritor Zheng Yi, autor do livro *Memorial Escarlata*, descreveu o canibalismo num crescente em três estágios. [18]

O primeiro era o estágio inicial quando o terror era oculto e sombrio. Os anais dos condados documentam uma cena típica: à meia-noite, os assassinos iam silenciosamente procurar sua vítima e a cortavam para retirar o coração e o fígado. Como eram inexperientes e medrosos, eles tiravam o pulmão por engano, e então tinham de voltar novamente. Uma vez que tivessem o coração e o fígado cozinhados, alguns traziam bebida de casa, outros traziam tempero e assim todos os assassinos comiam os órgãos em silêncio à luz do fogo no forno.

O segundo estágio era o ponto máximo, quando o terror era aberto e público. Durante esse estágio, os assassinos veteranos tinham experiência de como remover corações e fígados com as vítimas ainda vivas, e ensinavam os outros, refinando a técnica e aperfeiçoando-a. Por exemplo, ao abrir uma pessoa viva, os assassinos precisavam somente fazer um corte em cruz na barriga da vítima, pisar no seu corpo (se a pessoa estivesse amarrada numa árvore, os assassinos batiam em seu baixo ventre com o joelho) e o coração e os outros órgãos simplesmente caíam para fora. O assassino chefe ficava com o coração, o fígado e órgãos genitais, enquanto os outros pegavam o que sobrava. Essas cenas de horror terrificante eram adornadas com bandeiras e slogans.

O terceiro estágio era a demência. O canibalismo se tornou um movimento maciçamente difundido. No condado de Wuxuan, como cães selvagens devorando corpos durante uma epidemia, as pessoas estavam loucamente comendo outras pessoas. Geralmente, as vítimas eram “criticadas publicamente” primeiro, ao que se seguia a morte e depois o canibalismo. Assim que a vítima caía no chão, morta ou viva, as pessoas tiravam suas facas previamente preparadas e a rodeavam, cortando qualquer parte do corpo que pudessem segurar. Nessa fase, os cidadãos comuns estavam todos envolvidos no canibalismo. O furacão da “luta de classe” limpou das mentes das pessoas qualquer senso de pecado e de natureza humana. O canibalismo se espalhou como uma epidemia e as pessoas gostavam dos festins de canibalismo. Qualquer parte do corpo humano era comestível, incluindo o coração, carne, fígado, rins, ombros, pés e tendões. Os corpos humanos eram cozinhados de diferentes maneiras: fervidos, a vapor, grelhados, fritos, assados e churrasco... As pessoas bebiam liquor ou vinho e jogavam jogos enquanto comiam corpos humanos. Durante o auge desse movimento, até o restaurante da mais alta organização do governo, o Comitê Revolucionário do Condado de Wuxuan, oferecia pratos humanos.

Os leitores não devem pensar erroneamente que um festival de canibalismo era simplesmente uma atitude desorganizada do povo. O PCCh era uma organização totalitária

controlando cada célula da sociedade. Sem o estímulo e manipulação do PCCh, o movimento do canibalismo não poderia ter acontecido de maneira alguma.

Uma canção escrita pelo PCCh em louvor próprio diz, “A velha sociedade [19] transformou os seres humanos em fantasmas, a nova sociedade transformou os fantasmas em seres humanos.” Entretanto, esses festins de morte e de canibalismo nos dizem que o PCCh podia transformar um ser humano num monstro ou demônio, porque o próprio PCCh é mais cruel do que qualquer monstro ou demônio.

Perseguição ao Falun Gong

Com a entrada do povo chinês na era dos computadores e viagens espaciais, e a possibilidade de falar de forma privada sobre direitos humanos, liberdade e democracia, muitas pessoas pensam que essas atrocidades horripilantes e desagradáveis já são parte do passado. O PCCh vestiu roupa civil e está pronto a se conectar com o mundo.

Mas isso está longe da verdade. Agora que o PCCh descobriu que há um grupo que não teme a tortura cruel ou a morte, os meios usados pelo PCCh se tornaram ainda mais frenéticos. O grupo que tem sido perseguido desta maneira é o Falun Gong.

A violência e o canibalismo dos Guardas Vermelhos na província de Guangxi visava eliminar o corpo da vítima, matando a pessoa em alguns minutos ou horas. Os praticantes do Falun Gong são perseguidos para serem forçados a desistir de sua crença na “verdade, compaixão e tolerância”. Além disso, as torturas cruéis geralmente duram vários dias, meses ou mesmo anos. Estima-se que mais de 10 mil praticantes do Falun Gong tenham morrido em consequência da tortura.

Os praticantes do Falun Gong que sofreram todos os tipos de torturas e escaparam das garras da morte registraram mais de 100 métodos cruéis de tortura; o que se segue são somente alguns exemplos.

Espancamento cruel é o método mais comum de tortura usado. A polícia e oficiais das prisões batem nos praticantes e também instigam outros prisioneiros a espancá-los. Muitos praticantes ficaram surdos, tendo a parte externa de suas orelhas quebradas, globos oculares esmagados, dentes quebrados, crânio, coluna vertebral, caixa torácica, clavícula, pélvis, braços e pernas quebrados; ou braços e pernas amputados por causa do espancamento. Alguns torturadores puxaram e esmagaram impiedosamente os testículos de praticantes e deram pontapés nas áreas genitais femininas. Se os praticantes não cedessem, os torturadores continuariam a bater até que a pele fosse arrancada e a carne ficasse exposta. Os corpos dos praticantes ficaram completamente deformados pela tortura e cobertos de sangue, porém os guardas ainda jogavam em cima deles água com sal e continuavam a queimá-los com bastões elétricos. O cheiro de sangue e de carne queimando se misturavam e os gritos de agonia eram horríveis. Enquanto isso, os torturadores usavam sacos plásticos para cobrir a cabeça dos praticantes numa tentativa de fazer com que se rendessem com medo da sufocação.

Choque elétrico é outro método geralmente usado nos campos chineses de trabalho forçado para torturar os praticantes do Falun Gong. A polícia usa bastões elétricos para dar choque nas partes sensíveis do corpo, incluindo a boca, topo da cabeça, peito, órgãos genitais, quadris, coxas, solas dos pés, seios das praticantes, e pênis dos homens. Alguns policiais deram choques nos praticantes com vários bastões simultaneamente até que a carne queimada começasse a cheirar e as partes machucadas ficassem vermelhas e escuras. Algumas vezes, a cabeça e o ânus eram machucados ao mesmo tempo. A polícia muitas vezes usava dez ou até mais bastões elétricos simultaneamente para machucar os praticantes durante longo tempo. Normalmente, um bastão elétrico libera dezenas de milhares de volts. Quando ele descarrega, ele emite uma luz azul com um som tipo estático. Quando a corrente elétrica atravessa o corpo da pessoa, ela sente como se estivesse sendo queimada ou picada por serpentes. Cada

choque é tão doloroso como uma mordida de cobra. A pele da vítima fica vermelha, quebrada e queimada e as feridas inflamam. Há ainda bastões mais fortes com voltagens maiores que fazem a vítima sentir como se sua cabeça estivesse sendo martelada.

A polícia também usa cigarros para queimar as mãos dos praticantes, rosto, embaixo dos pés, peito, costas, mamilos, etc. Eles usam isqueiros para queimar as mãos e os genitais dos praticantes. Barras de aço especialmente feitas são esquentadas em fornos elétricos até que fiquem vermelhas em brasa. Então, são usadas para queimar as pernas dos praticantes. A polícia também usa carvão aceso para queimar as faces dos praticantes. A polícia queimou um praticante que ainda tinha respiração e pulso até a morte, depois de ter enfrentado torturas cruéis. A polícia então alegou que sua morte foi “autoimolação”.

A polícia espancou os seios e áreas genitais das praticantes. As praticantes foram violentadas individualmente ou em grupos. Além disso, a polícia arrancou as roupas das praticantes e as jogaram dentro de celas de prisões masculinas para serem estupradas. Eles usaram bastões elétricos para dar choque em seus seios e órgãos genitais. Usaram isqueiros para queimar seus mamilos, e enfiaram bastões elétricos para dar choque em suas vaginas. Eles amarraram quatro escovas de dente e as introduziram nas vaginas das praticantes e giraram as escovas, esfregando-as na vagina. Prenderam as partes íntimas das praticantes com ganchos de ferro. As mãos das praticantes são presas atrás das costas e seus mamilos são enganchados em arames por onde passa corrente elétrica.

Eles forçam os praticantes do Falun Gong a usarem “camisas de força”, [20] e então cruzam e amarram seus braços atrás das costas. Então, puxam os braços por cima dos ombros para frente de seus peitos, amarram as pernas dos praticantes e os penduram fora da janela. Ao mesmo tempo, amordaçam a boca dos praticantes com tecido e põem fones em seus ouvidos com mensagens contínuas difamando o Falun Gong. De acordo com a explicação de uma testemunha, as pessoas que sofrem essa tortura rapidamente têm os braços, tendões, ombros, pulsos e cotovelos quebrados. Pessoas assim torturadas por longo tempo tem a coluna vertebral quebrada e morrem em dor agonizante.

Eles também jogam os praticantes em calabouços com esgoto. Eles pregam palitos de bambu embaixo das unhas dos praticantes e os forçam a ficar em quartos úmidos cheios de fungos de todos os tipos no teto, no chão e nas paredes, inflamando ainda mais seus ferimentos. Também usam cachorros, cobras e escorpiões para morderem os praticantes e injetam drogas que prejudicam o sistema nervoso. Essas são somente algumas formas de torturas sofridas pelos praticantes nos campos de trabalho.

III. Luta cruel dentro do Partido

Porque o PCCh unifica seus membros baseado na natureza do Partido ao invés da moral e da justiça, a lealdade de seus membros, especialmente a dos altos oficiais ao líder supremo, é uma questão central. O Partido precisa criar uma atmosfera de terror matando seus membros. Os sobreviventes então veem que quando o ditador supremo quer que alguém morra, essa pessoa morrerá miseravelmente.

As lutas internas dos partidos comunistas são bem conhecidas. Exceto Lênin, que morreu naturalmente, todos os membros do Politburo do Partido Comunista russo nos dois primeiros períodos, inclusive Stalin, foram executados ou cometeram suicídio. Três dos cinco marechais foram executados, três dos cinco comandantes-chefes foram executados, todos os 10 comandantes-chefes do segundo exército foram executados, 57 dos 85 comandantes do exército foram executados e 110 dos 195 comandantes de divisão foram executados.

O PCCh sempre defende “lutas brutais e ataques impiedosos”. Essas táticas não são usadas só para pessoas fora do Partido. Desde o início do período revolucionário na província de Jiangxi, o PCCh já tinha matado tanta gente na divisão antibolchevique (Divisão AB) [21]

que somente alguns sobreviveram para lutar na guerra. Na cidade de Yan'an, o Partido fez uma campanha de "retificação". Mais tarde, depois de politicamente estabelecido, ele eliminou Gao Gang, Rao Shushi, [22] Hu Feng e Peng Dehuai. Na época da Revolução Cultural, quase todos os membros sêniores dentro do Partido foram eliminados. Nenhum dos antigos secretários gerais do PCCh tiveram um bom final.

Liu Shaoqi, um ex-presidente chinês que chegou a ser a figura número 2 no país, morreu miseravelmente. No dia de seu 70º aniversário, Mao Tsé-Tung e Zhou Enlai [23] disseram a Wang Dongxing (chefe da guarda principal de Mao) para trazer um rádio de presente de aniversário para Liu Shaoqi, para que ele ouvisse as notícias oficiais do 8º Plenário da 12ª Reunião do Comitê Central que disse, "Expulsar para sempre do Partido, o traidor, espião e renegado Liu Shaoqi e continuar expondo e criticando Liu Shaoqi por seus crimes de abuso de confiança e alta traição."

Liu Shaoqi ficou mentalmente abalado e sua doença se deteriorou rapidamente. Como ele ficou preso a uma cama por longo tempo e não podia se mover, seu pescoço, costas, bacia e calcanhares ficaram cobertos com feridas purulentas. Quando ele sentia muita dor ele agarrava as roupas, objetos e braços de outras pessoas e não soltava, então, as pessoas simplesmente colocavam uma garrafa de plástico duro em cada uma de suas mãos. Quando ele morreu, as duas garrafas de plástico duro tinham a forma de ampolhetas.

Em outubro de 1969, o corpo de Liu Shaoqi começou a apodrecer e o pus tinha um cheiro forte. Ele estava muito magro e à beira da morte. Mas o inspetor especial do Comitê Central do Partido não permitiu que ele tomasse banho ou trocasse de roupas. Ao invés disso, eles tiraram toda a sua roupa, enrolaram-no num edredom, enviaram-no de avião de Pequim para a cidade de Kaifeng e o trancaram no porão de uma trincheira. Quando ele tinha febre alta, eles não somente não lhe davam medicamento, mas também transferiram dali todo o pessoal médico. Quando ele morreu, seu corpo estava completamente desfigurado e com cabelos brancos com mais de 60 centímetros. Dois dias mais tarde, à meia-noite, ele foi cremado como alguém com doença altamente infecciosa. Sua cama, travesseiro e tudo mais foram cremados. No registro de sua morte consta: Nome: Liu Weihuang; ocupação: desempregado; razão da morte: doença. O PCCh torturou dessa forma até a morte o presidente da nação sem ao menos dar uma razão clara.

IV. Exportando a revolução – Matando pessoas no exterior

Além de matar pessoas dentro da China e do Partido com grande satisfação e usando uma variedade de métodos, o PCCh também participou do massacre de pessoas no estrangeiro, incluindo exilados chineses, ao exportar a "revolução". O Khmer Rouge é um exemplo típico.

O regime do Khmer Rouge de Pol Pot existiu apenas por quatro anos no Camboja. Entretanto, de 1975 a 1978, mais de dois milhões de pessoas, incluindo 200 mil chineses, foram mortos nesse pequeno país com uma população de somente oito milhões de pessoas.

Os crimes do Khmer Rouge são incontáveis, mas não vamos discuti-los aqui. Entretanto, precisamos falar sobre seu relacionamento com o PCCh.

Pol Pot adorava Mao Tsé-Tung. A partir de 1965, ele visitou a China quatro vezes e ouviu pessoalmente os ensinamentos de Mao Tsé-Tung. No início de novembro de 1965, Pol Pot ficou na China por três meses. Chen Boda e Zhang Chunqiao discutiram com ele teorias do tipo "o poder político nasce do cano de uma arma", "luta de classe", "ditadura do proletariado", etc. Mais tarde, essas se tornaram as bases de seu governo no Camboja. Depois que ele voltou ao Camboja, Pol Pot mudou o nome de seu partido para Partido Comunista Cambojano e estabeleceu uma base revolucionária de acordo com o modelo do PCCh que é o de cercar as cidades a partir do campo.

Em 1968, o Partido Comunista Cambojano oficialmente criou um exército. No final de 1969, ele tinha pouco mais de 3 mil pessoas. Mas em 1975, antes de atacar e ocupar a cidade de Phnom Penh, ele tinha se tornado uma força de luta bem equipada e valente de 80 mil soldados. Isso foi completamente devido ao apoio do PCCh. O livro *Documentário do apoio ao Vietnã e a luta contra a América*, de Wang Xiangen, [24] diz que em 1970 a China deu a Pol Pot equipamento armado para 30 mil soldados. Em abril de 1975, Pol Pot tomou a capital do Camboja e dois meses mais tarde foi a Pequim fazer uma visita ao PCCh e receber instruções. Obviamente, se a matança do Khmer Rouge não tivesse sido sustentada pelas teorias e material de apoio do PCCh, ela não poderia ter acontecido.

Por exemplo, depois que os dois filhos do príncipe Sihanouk foram mortos pelo Partido Comunista Cambojano, o Partido obediamente enviou Sihanouk para Pequim sob as ordens de Zhou Enlai. Era bem sabido que quando o Partido Comunista Cambojano matava as pessoas, eles “matavam até o feto” para evitar quaisquer problemas no futuro. Mas a pedido de Zhou Enlai, Pol Pot obedeceu sem protestar.

Zhou Enlai pôde salvar Sihanouk com uma palavra, mas o PCCh não fez objeção aos mais de 200 mil chineses mortos pelo Partido Comunista Cambojano. Naquela ocasião, os chineses cambojanos foram à embaixada chinesa para obter ajuda, mas a embaixada os ignorou.

Em maio de 1998, quando aconteceu na Indonésia uma matança em larga escala e uma limpeza étnica chinesa, o PCCh não disse uma palavra. Não ofereceu nenhuma ajuda e até bloqueou as notícias dentro da China. Parece que o governo chinês não se importou com o destino dos chineses no exterior; e nem mesmo ofereceu qualquer assistência humanitária.

V. A destruição da família

Não temos como contar quantas pessoas foram mortas nas campanhas políticas do PCCh. Entre o povo, não há como fazer uma pesquisa estatística por causa dos bloqueios e barreiras de informações entre as diferentes regiões, grupos étnicos e dialetos locais. O governo do PCCh nunca faria esse tipo de pesquisa, pois seria cavar seu próprio túmulo. O PCCh prefere omitir os detalhes ao escrever sua própria história.

O número de famílias prejudicadas pelo PCCh é ainda mais difícil de se conhecer. Em alguns casos, a morte de uma pessoa desmantelava uma família. Em outros casos, a família toda desapareceu. Mesmo quando ninguém morreu, muitos foram forçados a se divorciar. Pai e filho, mãe e filha foram forçados a renunciar seus relacionamentos. Alguns ficaram desabilitados, outros ficaram loucos e outros morreram jovens pelas doenças causadas pelas torturas. O registro de todas essas tragédias familiares está totalmente incompleto.

O *Yomiuri News*, um jornal japonês, uma vez publicou que cerca de metade da população chinesa foi perseguida pelo PCCh. Se esse é o caso, estima-se que o número de famílias destruídas pelo PCCh é de cerca de 100 milhões.

Zhang Zhixin [25] se tornou um nome conhecido pela quantidade de reportagens sobre sua história. Muitas pessoas sabem que ela sofreu tortura física, estupro coletivo e tortura mental. No fim, ela ficou louca e foi morta com um tiro depois de ter sua língua cortada. Mas muitas pessoas podem não saber que há outra história cruel por trás dessa tragédia, até os membros de sua família tiveram de assistir as “sessões de estudo para as famílias de condenados à morte”.

Lin Lin, filha de Zhang Zhixin, conta que no início da primavera de 1975,

“Uma pessoa da corte de Shenyang disse em voz alta, ‘Sua mãe é uma contrarrevolucionária intransigente. Ela recusa aceitar reforma e é incorrigivelmente obstinada. Ela é contra nosso grande líder Mao, contra o pensamento invencível do Mao Tsé-Tung, e contra o direcionamento revolucionário do proletariado do Presidente Mao. Com um

crime atrás do outro, nosso governo está pensando em aumentar a punição. Se ela for executada, qual será sua atitude?’ Eu fiquei perplexa e não sabia o que responder. Meu coração estava partido. Mas eu fingi estar calma, tentando firmemente não deixar minhas lágrimas caírem. Meu pai havia me dito que não podíamos chorar na frente dos outros, caso contrário não teríamos jeito de renunciar ao relacionamento com minha mãe. Meu pai respondeu por mim, ‘Se esse é o caso, o governo está livre para fazer o que achar necessário.’

A pessoa na corte me perguntou novamente, ‘Você irá recolher seu corpo se ela for executada? Você irá recolher seus pertences na prisão?’ Eu abaixei minha cabeça e não respondi nada. Meu pai respondeu por mim novamente, ‘Nós não precisamos de nada.’ [...] Meu pai segurou meu irmão e a mim pelas mãos e saímos da corte. Cambaleando, fomos caminhando para casa contra a tempestade de neve. Não cozinhamos; papai dividiu o único biscoito de milho que tínhamos em casa e deu para meu irmão e para mim. Ele disse, “Termine e vá para cama mais cedo.” Eu fiquei quieta na cama de barro. Papai sentou num banquinho e ficou olhando a luz em estado de torpor. Depois de um pouco, ele olhou para a cama e pensou que estivéssemos dormindo. Ele levantou, cuidadosamente abriu a pasta que trouxemos de nossa velha casa em Shenyang e tirou a foto da mamãe. Ele olhou para ela e não conseguiu segurar as lágrimas.

Eu me levantei da cama, pus minha cabeça entre seus braços e comecei a chorar alto. Papai deu uma batidinha de leve em mim e disse: ‘Não faça isso, não podemos deixar os vizinhos ouvirem.’ Meu irmão se levantou depois de me ouvir chorar. Papai nos segurou firme em seus braços. Essa noite, não soubemos quantas lágrimas derramamos, mas não pudemos chorar livremente.” [26]

Um conferencista da universidade tinha uma família feliz, mas sua família encontrou um desastre durante o processo de retificação dos direitistas. Na época do movimento antidireitista, sua esposa havia namorado alguém que tinha sido um direitista. Seu amor foi mais tarde enviado para uma área remota e sofreu muito. Como ela era muito jovem e não pôde ir com ele, ela desistiu do seu amor e casou com o conferencista. Quando seu primeiro amor finalmente voltou para a cidade deles, ela, agora mãe de várias crianças, não tinha outro modo de mostrar seu arrependimento do passado. Ela insistiu em se divorciar de seu marido para redimir sua consciência culpada. Nessa ocasião, o conferencista estava com cerca de 50 anos de idade; ele não pôde aceitar essa mudança brusca e enlouqueceu. Ele se despojou de todas as suas roupas e foi procurar um lugar para começar uma vida nova. Por fim, sua esposa o abandonou e abandonou os filhos. A separação dolorosa decretada pelo Partido é um problema que não pode ser solucionado e é uma doença social incurável que somente pode substituir uma separação com outra separação.

A família é a unidade básica da sociedade chinesa. É também a última defesa da cultura tradicional contra a cultura do Partido. Por isso, prejudicar a família é o que há de mais cruel na história de matança do PCCh.

Pelo fato do PCCh monopolizar todos os recursos sociais, quando uma pessoa é classificada em oposição à ditadura, ela imediatamente enfrentará uma crise de subsistência, será acusada por todos na sociedade e despojada de sua dignidade. Quando tratadas injustamente, a família é o único abrigo para essas pessoas encontrarem consolo. Mas a política de implicação do PCCh impede que os membros da família lhes consolem, caso contrário, eles também correm o risco de serem considerados opositores da ditadura. Zhang Zhixin, por exemplo, foi forçada a se divorciar. Para muitas pessoas, a traição dos membros da família, seja reportando, lutando, criticando publicamente ou delatando-os, é a gota d’água que quebra seus espíritos. O resultado disso é que muitas pessoas cometeram suicídio.

VI. Os padrões e as consequências de matar

A ideologia de matar do PCCh

O PCCh sempre se gabou de ser talentoso e criativo no seu desenvolvimento do marxismo-leninismo, mas na realidade o que o PCCh desenvolveu criativamente foi um mal sem precedentes na história mundial. Ele usa a ideologia comunista da harmonia social para enganar o público e os intelectuais; a ciência e tecnologia para destruir a crença e promover o ateísmo; o comunismo para negar a propriedade privada; e as teorias de Lênin e as práticas da revolução violenta para governar o país. Ao mesmo tempo, combina e reforça ainda mais a parte mais maligna da cultura chinesa que se desvia das tradições.

O PCCh inventou uma teoria completa e uma estrutura de “revolução” e “revolução contínua” sob a ditadura do proletariado; usou este sistema para mudar a sociedade e assegurar a ditadura do Partido. Sua teoria tem duas partes, a base econômica e a superestrutura sob a ditadura do proletariado, na qual a base econômica determina a superestrutura, enquanto que a superestrutura, por sua vez, age na base econômica. Para fortalecer a superestrutura, especialmente o poder do Partido, ele precisa primeiro dar início à revolução a partir da base econômica, que inclui:

(1) Matar os proprietários de terras para solucionar as relações de produção no campo, [27] e (2) Matar os capitalistas para solucionar as relações de produção nas cidades.

Dentro da superestrutura, matar é também repetidamente realizado para manter o controle ideológico absoluto do Partido. Isso inclui:

(1) Solucionar o problema da atitude política dos intelectuais em relação ao Partido.

Durante um longo período de tempo, o PCCh lançou múltiplas campanhas para reformar o pensamento dos intelectuais. Eles acusaram os intelectuais de individualismo burguês, ideologia burguesa, pontos de vista apolíticos, falta de ideologia de classe, liberalismo, etc. O PCCh despojou os intelectuais de sua dignidade através da lavagem cerebral e eliminação de suas consciências. O PCCh quase eliminou completamente o pensamento independente e muitas outras boas qualidades dos intelectuais, incluindo a tradição de lutarem por justiça e de devotarem suas vidas para sustentar a justiça. Essa tradição ensina: “Não abandonar a moderação por riqueza e honras, não desviar-se de seus propósitos quando pobre e obscuro, nem ceder à força...”; [28] “Ser o primeiro a se preocupar com a nação e o último a reclamar sua porção de felicidade”; [29] “Cada homem comum deverá se sentir responsável pelo sucesso e fracasso da nação”; [30] e “Uma pessoa nobre faz-se perfeita na obscuridade, mas quando em proeminência faz perfeita toda a nação.” [31]

(2) Lançando uma revolução cultural e matando pessoas para conseguir a liderança cultural e política absoluta.

O PCCh mobilizou campanhas de massa dentro e fora do Partido, começando a matar nas áreas da literatura, arte, teatro, história e educação. O PCCh focalizou os primeiros ataques em várias pessoas famosas como “A vila das três famílias”, [32] Liu Shaoqi, Wu Han, Lao She e Jian Bozan. Mais tarde, o número de pessoas mortas aumentou para “um grupo pequeno dentro do Partido” e “um grupo pequeno dentro do exército”, e, finalmente, a matança se espalhou de dentro do Partido e do exército para todas as pessoas em todo o país. A luta armada eliminava corpos físicos; os ataques culturais matavam o espírito das pessoas. Foi um período extremamente caótico e violento sob o controle do PCCh. O lado perverso da natureza humana foi maximizado pela necessidade do Partido de reavivar seu poder em crise. Todo mundo podia matar arbitrariamente em nome da “revolução” e “defendendo a linha revolucionária do presidente Mao”. Foi um exercício de eliminação da natureza humana sem precedentes em toda a nação.

(3) O PCCh atirou em estudantes na Praça Tiananmen em 4 de junho de 1989 em resposta às reivindicações democráticas que se seguiram à Revolução Cultural.

Essa foi a primeira vez que o exército do PCCh matou civis publicamente para reprimir um protesto popular contra fraude, corrupção e conluio entre oficiais do governo e empresários, e sua reivindicação por liberdade de imprensa, opinião e assembléia. Durante o Massacre da Praça Tiananmen, para instigar o ódio entre o exército e os civis, o PCCh até encenou pessoas queimando veículos militares e matando soldados, manipulando a tragédia do Exército Popular massacrando o próprio povo.

(4) Matando pessoas de diferentes crenças.

É vital para o PCCh o domínio da crença. No início de seu governo, para promover a heresia e enganar o povo, o PCCh começou a eliminar todas as religiões e sistemas de crença. Ao se deparar com uma crença espiritual numa nova era, o Falun Gong, o PCCh empunhou novamente sua faca de açougueiro. A estratégia do PCCh é tirar vantagem dos princípios do Falun Gong de “verdade, compaixão e tolerância”, e do fato dos praticantes não mentirem, não usarem da violência e não causarem instabilidade social. Depois de adquirir experiência perseguindo o Falun Gong, o PCCh se aperfeiçoou em eliminar pessoas de outras crenças. Dessa vez, Jiang Zemin e o próprio PCCh vieram para a frente do palco, ao invés de usar outras pessoas ou grupos para matar.

(5) Matando pessoas para encobrir a verdade.

O direito de saber das pessoas é outro ponto fraco do PCCh. O PCCh também mata pessoas para bloquear a informação. No passado, “ouvir a emissora de rádio do inimigo” era uma desobediência punida com prisão. Agora, em resposta aos múltiplos incidentes de interceptação do sistema de televisão estatal para esclarecer a verdade da perseguição do Falun Gong, Jiang Zemin ordenou “matar instantaneamente sem piedade”. Liu Chengjun, que realizou tal interceptação, foi torturado até a morte. O PCCh mobilizou a “Agência 610” (uma organização semelhante à Gestapo da Alemanha nazista criada para perseguir o Falun Gong), a polícia, os promotores, as cortes e um sistema policial maciço na Internet para monitorar cada ação das pessoas.

(6) Privando as pessoas de seus direitos de sobrevivência para promover interesses próprios.

A teoria da revolução contínua do PCCh significa, na realidade, que ele não abrirá mão do poder. Atualmente, a fraude e a corrupção no PCCh geram conflitos entre a liderança absoluta do Partido e o direito de viver das pessoas. Quando as pessoas se organizam para proteger seus direitos legalmente, o PCCh usa seus instrumentos de violência contra os chamados “cabeças” dos movimentos. O PCCh tem preparado cerca de um milhão de policiais armados para esse fim. Hoje, o PCCh está muito melhor preparado para matar do que na época do Massacre da Praça Tiananmen em 1989, quando teve de mobilizar temporariamente o exército. Entretanto, ao forçar o povo contra a parede, o PCCh se colocou num caminho sem saída. O PCCh chegou a um ponto extremo de vulnerabilidade que, como diz o ditado chinês, “quando o vento sopra, árvores e gramas são como inimigos”.

Por todos os pontos acima, podemos ver que o PCCh é um espectro maligno por natureza. Não importa que mudanças ele sofra em lugares e tempos específicos para manter o controle absoluto, o PCCh não mudará sua história de matança; ele matou gente antes, está matando gente agora, e continuará a matar no futuro.

Diferentes padrões de matar sob diferentes circunstâncias

A. Lidando com a propaganda

O PCCh tem usado diferentes maneiras de matar dependendo da época. Na maioria das situações, o PCCh fez propaganda antes de matar. O PCCh frequentemente disse,

“somente a morte pode apaziguar a indignação do público”, como se o povo tivesse pedido ao PCCh para matar. Na realidade, essa “indignação pública” tem sido instigada pelo PCCh.

Por exemplo, o drama “A menina dos cabelos brancos”, [33] uma distorção completa da lenda folclórica, e as históricas fabricadas de cobrança de aluguel e de calabouços narradas no drama “Liu Wencai” foram ambas usadas como ferramentas para “educar” o povo a odiar os proprietários de terra. O PCCh comumente endemoniza seus inimigos, como fez no caso do antigo presidente da China, Liu Shaoqi. Outro exemplo, em janeiro de 2001, o PCCh encenou uma autoimolação na Praça Tiananmen para incitar as pessoas a odiarem o Falun Gong, e assim reforçar sua campanha genocida maciça contra o Falun Gong. O PCCh não só não mudou sua forma de matar pessoas, mas ao invés disso aperfeiçoou seus métodos usando nova tecnologia. No passado, o PCCh podia enganar o povo chinês, mas agora ele também engana o povo no mundo todo.

B. Mobilizando as massas para matar

O PCCh não mata pessoas somente através da máquina de sua ditadura, mas também mobiliza ativamente as pessoas para matarem umas às outras. Mesmo que o PCCh tenha observado alguns regulamentos e leis no início dessas mobilizações, quando ele incita o povo para se juntar, nada pode parar o massacre. Por exemplo, quando o PCCh estava implantando a sua reforma agrária, um comitê de reforma agrária podia decidir sobre a vida e morte dos proprietários de terra.

C. Destruindo o espírito da pessoa antes de matar seu corpo físico

Outro sistema de matar é destruir primeiro o espírito da pessoa antes de matar seu corpo físico. Na história da China, mesmo a mais cruel e feroz Dinastia Qin (221-207 a.C.) não destruiu o espírito das pessoas. O PCCh nunca deu a chance da pessoa morrer como um mártir. O Partido adota políticas como, “Indulgência para os que confessem e punição severa para os que resistem”, e “Abaixar a cabeça para admitir o crime é a única maneira de escapar.” O PCCh força o povo a abrir mão de seus próprios pensamentos e crenças, fazendo com que ele morra como cão, sem dignidade; uma morte digna iria encorajar os seguidores. Somente quando a pessoa morre em humilhação e vergonha o PCCh pode conseguir seu propósito de “educar” a pessoa que admirava a vítima. A razão pela qual o PCCh persegue o Falun Gong com extrema crueldade e violência é porque os praticantes do Falun Gong consideram suas crenças mais importantes que suas próprias vidas. Quando o PCCh foi incapaz de destruir a dignidade deles, ele fez de tudo que podia para torturar seus corpos físicos.

D. Matando pessoas através de alianças e alienação

Para matar as pessoas, o PCCh usa tanto “cenoura e bastão”, fazendo-se amigo de alguns e alienando outros. O PCCh sempre tenta atacar uma “pequena porção” da população usando a proporção de 5%. “A maior parte” da população é sempre boa, mas objeto constante da “educação”. Essa educação consiste em terror e cuidado. A educação através do terror usa o medo para mostrar às pessoas que os que se opõem ao PCCh não terão um fim bom, fazendo-os distanciarem-se dos previamente atacados pelo Partido. A educação através do “cuidado” deixa as pessoas verem que se ganharem a confiança e se juntarem ao PCCh, não somente estarão salvas mas também terão boa chance de serem promovidas ou receberem outros benefícios. Lin Biao [34] disse uma vez, “Uma pequena porção [suprimida] hoje e

uma pequena porção amanhã, logo haverá uma grande porção no total.” Aqueles que se regozijam em sobreviver a um movimento, geralmente se tornam vítimas no próximo.

E. Eliminando ameaças potenciais no seu germe e mortes secretas fora da lei

Recentemente, o PCCh desenvolveu o sistema de eliminar ameaças potenciais no seu germe e matar secretamente fora da lei. Por exemplo, como as greves dos trabalhadores e os protestos dos camponeses se tornaram mais comuns em vários locais, o PCCh acaba com os movimentos antes que eles possam crescer, prendendo o “cabeça” e sentenciando-o a uma punição severa. Em outro exemplo, como a liberdade e os direitos humanos se tornaram uma tendência mais e mais reconhecida em todo o mundo, o PCCh não condena nenhum praticante do Falun Gong à morte, mas sob a instigação de Jiang Zemin de que “ninguém será considerado responsável pela morte de praticantes do Falun Gong”, eles foram torturados até a morte por todo o país. Embora a Constituição chinesa reconheça o direito de apelação do cidadão se ele sofrer uma injustiça. Entretanto, o PCCh usa oficiais à paisana ou contrata criminosos locais para impedir, prender ou mandar para casa os que apelam, até mesmo colocando-os em campos de trabalho.

F. Matando um para advertir outros

As perseguições a Zhang Zhixin, Yu Luoke e Lin Zhao [35] são exemplos disso.

G. Usando a repressão para esconder a verdade das mortes

Pessoas famosas com influência internacional são geralmente repreendidas, mas não mortas pelo PCCh. O propósito disso é ocultar a morte dos que chamarão a atenção pública. Por exemplo, durante a campanha de supressão aos reacionários, o PCCh não matou generais de altos postos do KMT como Long Yun, Fu Zuoyi e Du Yuming, mas ao invés disso matou oficiais e soldados do KMT de níveis mais baixos.

As mortes conduzidas pelo PCCh por um longo período de tempo distorceram a alma do povo chinês. Agora, na China, muita gente tem tendência para matar. Quando terroristas atacaram os EUA em 11 de setembro de 2001, em mensagens na internet na China Continental, muitos chineses aplaudiram os ataques. Partidários de uma “guerra total” podiam ser ouvidos em toda parte, fazendo as pessoas tremerem de medo.

Conclusão

Devido ao bloqueio de informação do PCCh, não temos como saber exatamente quantas pessoas morreram nos vários movimentos de perseguição que ocorreram durante seu regime. Pelo menos 60 milhões de pessoas morreram nos movimentos. Além disso, o PCCh também matou minorias étnicas em Xinjiang, Tibete, Mongólia, Yunnan e outros lugares; é difícil achar informações sobre esses incidentes. O *Washington Post* estimou uma vez que o número de pessoas perseguidas até a morte pelo PCCh chega a 80 milhões. [36]

Além do número de mortes, não temos como saber quantas pessoas ficaram aleijadas, mentalmente doentes, loucas, deprimidas ou desenvolveram medo da morte por causa da perseguição que sofreram. Cada morte é uma tragédia amarga que deixa uma dor eterna para os membros da família das vítimas.

Como o jornal japonês *Yomiuri News* declarou uma vez, [37] uma pesquisa do governo central chinês feita em 29 províncias e vilas diretamente administradas pelo regime,

mostrou que perto de 600 milhões de pessoas foram diretamente afetadas pela Revolução Cultural, o equivalente a quase metade da população da China.

Stalin disse uma vez que a morte de um homem é uma tragédia, mas a morte de um milhão é simplesmente uma estatística. Quando falaram para Li Jingquan, o antigo secretário do Partido da província de Sichuan que muitas pessoas morreram de fome na província de Sichuan, ele observou, “Qual a dinastia que não teve pessoas mortas?” Mao Tsé-Tung disse, “Casualidades são inevitáveis em qualquer luta. Mortes geralmente ocorrem.” Esta é a visão da vida dos comunistas ateus. Por isso, 20 milhões de pessoas morreram como resultado da perseguição durante o regime de Stalin, o que constitui 10% da população da antiga União Soviética. O PCCh matou pelo menos 80 milhões de pessoas, o que também é quase 10% da população da nação [no fim da Revolução Cultural]. O Khmer Rouge matou dois milhões de pessoas ou um quarto da população do Camboja na época. No norte da Coreia, o resultado de mortes pela fome é estimado em cerca de um milhão. Essas são dívidas de sangue devidas pelos partidos comunistas.

Os cultos perversos sacrificam as pessoas e usam seu sangue para adorar espectros malignos. Desde seu início, o Partido Comunista continua a matar gente, quando não pode matar pessoas de fora do Partido, ele mata sua própria gente, para comemorar suas “lutas de classes”, “lutas interpartidárias” e outras falácias. Inclusive põe o próprio secretário-geral do Partido, marechais, generais, ministros e outros no altar de sacrifício do culto do mal.

Muitos pensam que se deve dar tempo ao PCCh para que ele melhore, dizendo que ele está bastante refreado em suas matanças agora. Antes de tudo, matar uma única pessoa ainda faz do indivíduo um assassino. Além disso, pelo fato de matar ser um dos métodos que o PCCh usa para governar seu regime de terror, o PCCh controla suas matanças de acordo com suas necessidades. A matança do PCCh é geralmente imprevisível. Quando carece o forte sentimento de medo nas pessoas, o PCCh mata aumentando o senso de terror; quando as pessoas já estão com bastante medo, matar pouco pode manter o senso de terror; quando as pessoas não conseguem deixar de temer o PCCh, então anunciar sua intenção de matar sem realmente matar é o suficiente para manter o terror. Depois de ter experimentado inúmeros movimentos políticos e de matança, as pessoas desenvolveram um reflexo condicionado em resposta ao terror do PCCh. Dessa forma, não há necessidade do PCCh mencionar que vai matar, só o tom da máquina de propaganda de crítica de massa é suficiente para trazer à tona as lembranças de terror do povo.

O PCCh ajusta a intensidade de suas matanças conforme muda o senso de terror das pessoas. O tamanho da matança não é o objetivo do PCCh; a chave é a consistência da matança para se manter o poder. O PCCh não se tornou suave nem se desfez de sua faca de açougueiro, na verdade, as pessoas se tornaram mais obedientes. Se as pessoas se levantarem para exigir qualquer coisa além da tolerância do PCCh, ele não hesitará em matar.

Pela necessidade de manter o terror, mortes ao acaso dão o resultado máximo para conseguir esse objetivo. Nas mortes em grande escala que aconteceram antes, a identidade, o crime e os padrões de sentença eram mantidos intencionalmente vagos pelo PCCh. Para não serem incluídas como alvos, as pessoas geralmente se limitariam a “zona segura”, com base em seus próprios julgamentos. Essas “zonas seguras” eram algumas vezes mais limitadas do que o PCCh intencionava estabelecer. Por isso, em cada movimento, as pessoas tendem a agir como “um esquerdista mais do que um direitista”. Como resultado, um movimento é frequentemente “ampliado” além da escala pretendida, porque as pessoas em diferentes níveis voluntariamente se impõem restrições para assegurarem sua própria segurança. Quanto mais baixo o nível, mais cruel se torna o movimento. Essa intensificação voluntária do terror em toda a sociedade vem das mortes ao acaso do PCCh.

Em sua longa história de matança, o PCCh se transformou num depravado assassino serial. Através da morte, ele satisfaz seu senso pervertido de poder de decisão sobre a vida e

morte das pessoas. Através da morte, ele atenua seu próprio medo mais intrínseco. Através da morte, ele reprime o desconforto social e a insatisfação causados por seus assassinatos anteriores. Hoje, o débito de sangue total do PCCh tornou impossível uma solução benevolente. Ele pode governar apenas através de intensa pressão e totalitarismo para manter sua existência até o próprio fim. Apesar da dissimulação ocasional que ele usa retificando vítimas de execuções anteriores, a natureza sedenta de sangue do PCCh nunca mudou, e é ainda mais improvável que mude no futuro.

Notas:

- [1] *Carta de Mao Tsé-Tung a sua mulher Jiang Qing*, 1966.
- [2] Superestrutura no contexto das teorias sociais marxistas refere-se ao modo de interação entre a subjetividade humana e a substância material da sociedade.
- [3] Hu feng, um erudito e crítico literário, foi opositor da política de literatura doutrinária do PCCh. Ele foi expulso do Partido em 1955 e sentenciado a 14 anos de prisão.
- [4] *Analectos*, de Confúcio.
- [5] Levítico 19:18.
- [6] Marx, Karl. *Manifesto Comunista*, 1848.
- [7] Mao Tsé-Tung. *A ditadura democrática do povo*, 1949.
- [8] Mao Tsé-Tung, “Nós devemos promover completamente [a supressão dos reacionários] para que cada família seja informada.” (30 de março de 1951)
- [9] Mao Tsé-Tung, “Nós devemos atingir os reacionários com força e precisão.” (1951)
- [10] O Reino Celestial de Taiping (1851-1864), também conhecido como a Rebelião de Taiping, foi um dos conflitos mais sangrentos da história chinesa. Foi um embate entre as forças da China Imperial e aquelas inspiradas pelo místico autoproclamado do grupo cultural Hakka chamado Hong Xiuquan, que também era um cristão convertido. Acredita-se que pelo menos 30 milhões de pessoas tenham morrido.
- [11] Dados de um trecho do livro publicado pela revista Chengming de Hong Kong (www.chengmingmag.com), edição de outubro de 1996.
- [12] O Grande Salto para Frente (1958-1960) foi uma campanha do PCCh para impulsionar a indústria chinesa, particularmente a indústria do aço. É visto amplamente como um grande desastre econômico.
- [13] Publicado em fevereiro de 1994 pela editora Red Flag. A citação foi traduzida pelo tradutor.
- [14] “*Mu*” é uma unidade chinesa de área, um *mu* equivale a 0,165 acres.
- [15] Peng Dehuai (1898-1974) foi um general comunista chinês e líder político. Peng foi comandante chefe na guerra da Coreia, vice-*premier* do Conselho de Estado, membro do Politburo e Ministro da Defesa (1954-1959). Ele foi removido de seus cargos oficiais depois de discordar das posturas esquerdistas de Mao no Plenário do PCCh em Lushan em 1959.
- [16] Jaegher, Raymond J. *Inimigo interno*. Guild Books, Catholic Polls, Incorporated, 1968.
- [17] O Massacre de Daxing ocorreu em agosto de 1966 durante a troca da liderança do Partido em Pequim. Na época, Xie Fuzhi, o ministro da segurança pública, fez um discurso numa reunião da Secretaria de Segurança Pública de Pequim, defendendo a não intervenção nas ações dos Guardas Vermelhos contra as “cinco classes negras”. Esse discurso foi logo transmitido numa reunião do Comitê do Partido da Secretaria de Segurança Pública de Daxin. Depois da reunião, a Secretaria de Daxin entrou em ação imediatamente, e montou um plano para instigar as massas no condado de Daxin a matarem as “cinco classes negras”.
- [18] Zheng Yi. *Memorial Escarlata*. Taipei: Chinese Television Publishing House, 1993. Este livro também está disponível em inglês: Yi Zheng. [traduzido e editado por T. P. Sym].

Memorial Escarlate: Histórias de canibalismo na China moderna. Boulder, Colorado: Westview Press, 1998.

[19] A “antiga sociedade”, como o PCCh a chama, refere-se ao período anterior a 1949 e a “nova sociedade” refere-se ao período após 1949 quando o PCCh tomou o controle do país.

[20] A camisa de força é um instrumento de tortura em forma de jaqueta. Os braços da vítima são torcidos e amarrados nas costas com uma corda e então puxados para frente por cima da cabeça; esta tortura pode aleijar instantaneamente os braços da pessoa. Depois disso, a vítima é forçada a entrar na camisa de força e é pendurada pelos braços. As consequências mais diretas desta tortura cruel é a fratura dos ossos nos ombros, cotovelo, punhos, e costas, resultando na morte agonizante da vítima. Vários praticantes do Falun Gong morreram por causa dessa tortura.

Para maiores informações, visite: <http://search.minghui.org/mh/articles/2004/9/30/85430.html> (em chinês); <http://www.clearwisdom.net/emh/articles/2004/9/10/52274.html> (em inglês).

[21] Em 1930, Mao ordenou ao Partido que matasse milhares de membros do Partido, soldados do Exército Vermelho e civis inocentes na província de Jiangxi na tentativa de consolidar seu poder nas áreas controladas pelo PCCh. Para maiores informações, visite: <http://kanzhongguo.com/news/articles/4/4/27/64064.html> (em chinês)

[22] Gao Gang e Rao Shushi eram ambos membros do Comitê Central do PCCh. Após uma proposta mal sucedida numa luta do poder em 1954, eles foram acusados de tramar a separação do Partido e consequentemente foram expulsos do mesmo.

[23] Zhou Enlai (1898-1976) foi a figura mais proeminente no PCCh depois de Mao. Ele foi um dos líderes do PCCh e *premier* da República Popular da China de 1949 até sua morte.

[24] Wang Xiangen, *Documentário do apoio ao Vietnam e a luta contra a América*. Pequim: International Cultural Publishing Company, 1990.

[25] Zhang Zhixin foi uma intelectual torturada até a morte pelo PCCh durante a Revolução Cultural que foi enviada para a prisão por ter ousado falar a verdade e porque criticou Mao por ter falhado no Grande Salto para Frente. Muitas vezes, os guardas da prisão tiraram suas roupas, amarraram suas mãos atrás das costas e jogaram-na nas celas da prisão masculina, deixando que os prisioneiros a violentassem. No fim, ela perdeu a razão. Antes de sua execução, temendo que ela gritasse slogans de protesto, os guardas da prisão pressionaram sua cabeça contra um tijolo e cortaram suas cordas vocais.

[26] Da Fundação de Pesquisa Laogai, notícia do dia 12 de outubro de 2004: <http://www.laogai.org/news2/newsdetail.php?id=391> (em chinês).

[27] Uma das três ferramentas que Marx usou para analisar as classes sociais (meios de produção, modos de produção e relações de produção). Relações de produção refere-se ao relacionamento entre as pessoas que possuem ferramentas de produção e aqueles que não as possuem, por exemplo, o relacionamento entre o latifundiário e o agricultor ou a relação entre o capitalista e o trabalhador.

[28] Extraído de *Mêncio*, Livro 3, Série Penguin Classics, traduzido por D. C. Lau.

[29] De Fan Zhongyan (989-1052), proeminente educador chinês, escritor e oficial do governo da Dinastia Song do Norte. Esta citação foi extraída de sua bem conhecida prosa, “Subindo a Torre Yueyang”.

[30] Por Gu Yanwu (1613-1682), um eminente erudito do início da Dinastia Qing.

[31] Extraído de *Mêncio*, Livro 3, Série Penguin Classics, traduzido por D. C. Lau.

[32] “A vila das três famílias” era o pseudônimo de três escritores dos anos 60, Deng Kuo, Wu Han and Liao Mosha. Wu foi autor da peça, “Hai Rui renunciando a seu posto”, que Mao considerou uma sátira política sobre sua relação com o General Peng Dehuai.

[33] A lenda folclórica chinesa “A menina dos cabelos brancos” é a história de uma imortal que mora numa caverna e tem poderes sobrenaturais para premiar a virtude e punir o vício, defender o correto e restringir o mal. Entretanto, no drama “moderno” chinês, ópera e balé,

ela foi descrita como sendo uma menina que foi forçada a fugir para uma caverna depois de seu pai ser espancado até a morte por haver recusado casá-la com um velho senhor de terras. Ela ficou com os cabelos brancos por falta de nutrição. Este se tornou um dos mais conhecidos dramas “modernos” na China e instigou o ódio pela classe dos senhores de terras.

[34] Lin Biao (1907-1971), um dos importantes líderes do PCCh, serviu sob Mao Tsé-Tung como membro do Politburo da China, vice-presidente (1958) e Ministro da Defesa (1959). Lin é considerado o arquiteto da Revolução Cultural na China. Ele foi designado sucessor de Mao em 1966, mas perdeu seu favoritismo em 1970. Pressentindo sua queda, Lin se envolveu numa tentativa de golpe e tentou fugir para a URSS assim que a trama foi descoberta. Durante sua tentativa de fuga, seu avião caiu na Mongólia, resultando em sua morte.

[35] Yu Luoke era um pensador e defensor dos direitos humanos que foi morto pelo PCCh durante a Revolução Cultural. Seu monumental manuscrito “Sobre a tradição da família”, escrito em 18 de janeiro de 1967, foi um dos escritos que teve a maior circulação e a mais duradoura influência de todos os textos de pensamento anti-PCCh durante os anos da Revolução Cultural. Lin Zhao, uma estudante da Universidade de Pequim mestranda em jornalismo, foi classificada como direitista em 1957 por seu pensamento independente e críticas sinceras ao movimento comunista. Ela foi acusada de conspiração para derrubar a ditadura democrática popular e foi presa em 1960. Em 1962, ela foi sentenciada a 20 anos de prisão. Ela foi morta pelo PCCh em 29 de abril de 1968 como contrarrevolucionária.

[36] Dados extraídos do site: <http://www.laojiao.org/64/article0211.html> (em chinês).

[37] Extraído de “Uma carta aberta de Song Meiling para Liao Chengzhi” (17 de agosto de 1982). Fonte: <http://www.blog.edu.cn/more.asp?name=fainter&id=16445> (em chinês).